

Retorno às mônadas (rei e rainha)

William Costa

Que mistérios existem (ainda) no corpo e na alma? O homem e suas tecnologias estendem para longe, para os confins do espaço, até, suas interrogações... seus anseios, seus desejos nunca saciados de encontrar respostas para perguntas milenares: quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?

No passado, o homem voltou seus olhos para o universo que o cercava, ilhando-o. Compreendeu sua minúscula importância na ordem natural das coisas, mas resignou-se, quedando-se, como um rei vencido, aos imperativos da intuição; à irracionalidade da (ainda) doce condição humana.

Por esse tempo, floresceu as grandes civilizações da paz. O reino de mil dias da Índia. O oriente e suas regiões panteístas, espiritualistas... suas doutrinas e suas técnicas para o caminho perfeito.

Em vários momentos da história, embora em geografias separadas, o homem descobriu que era possível viver em harmonia com a natureza e conviver com os seus semelhantes sem ímpetos assassinos ou assaltantes.

Mas os mistérios, em outros lugares, persistiam como desafios, como nações carentes de colonização racional. E as dualidades, as grandes indagações, foram sendo superadas a partir de uma escolha... errada!

O universo perdeu sua áurea divina e transformou-se em terra de fronteira. E o homem definiu de uma vez por todas o seu papel: o de conquistador – não da Via Láctea, como sempre quis, mas de sim mesmo.

O bem deixou de existir na natureza das coisas, pois o homem arrogou para si o direito de determinar o que é o bem e o que é o mal. Porém, fato lastimável, ao optar por este último, padeceu na incapacidade de conhecer melhor a si mesmo e a seus semelhantes.

O medo impõe imensas parcelas populacionais a crença de que o destino pertence aos deuses. Mas a humanidade, na construção prática do mundo, há muito optou pelo livre-arbítrio. Encorajado pelo saber científico, o homem faz suas próprias escolhas e determina suas próprias ações.

As leis do acaso não foram compreendidas. A lógica do destino permanece insondável. Os tribunais invisíveis, que julgam, punem e condenam de acordo com as jurisprudências do carma, continuam desconhecidos e desrespeitados pela razão implacável.

À lógica reducionista da economia moderna não interessa se existe ou não vida após morte. Esta, é o fim, sina única e verdadeira. Se o mal será punido e o bem

recompensado, nos tribunais do futuro celeste, esta é uma questão para... derrotados! Para o olhar contemporâneo, a morte é o ponto terminal, o fim, a conclusão.

Incapaz de gerir sozinho a própria vida, o homem construiu a mais potente máquina da individualidade: o Estado. Este subjugou e burocratizou a vida, embora a cada dia aumente os níveis de lama sob suas pilastras. Ao homem, em tese, é assegurado o direito a rebelar-se contra os governantes e criar a forma de Estado que melhor lhe agrade. Mas a vontade política (geral) para construí-lo, onde encontrá-la?

Os sistemas educacionais, antes pontes erguidas sobre a ignorância, no afã da liberdade, aliados aos meios de comunicação, tornaram-se em poderosos circuitos de doutrinação, para a obediência cega ao estabelecido. Orwell percebeu e anotou: 1984. E quase tudo aconteceu (e muito ainda está por vir)... mas acerca de suas profecias só tiveram olhos e ouvidos para a forma romanceada, nunca para o real cristalino.

Dominada a tribo humana, nos quadrantes do mundo inteiro, decidiu o homem impor-se, soberano, sobre o tempo e o espaço. Fez-se, então, alquimista para, da natureza, extrair os mil elementos que o ajudariam a vencer a peleja.

Assim, inventou o homem as maravilhas do nosso tempo: carros (para dar asas aos pés), telescópios (para espiar as galáxias e vigiar a si mesmo), guindastes (para suprir a escassez energética das mãos), rádios, telefones, computadores...

Para aspirar à liberdade, restaram, a uns poucos homens, apenas as ideias e o pensamento... a arte! Através de suas inúmeras formas, e em seu nome, o homem ratifica a existência do mistério e da beleza, fontes de toda criação, e dignifica, justificando-o, seu caminhar sobre a Terra.

Vejo, portanto, na fotografia de João Lobo – objeto concreto deste álbum, e motivo de tantas divagações – a ânsia contemporânea de retorno ao hipotético porto inicial da viagem da espécie. Com ela, na beleza de suas manchas em claro-escuro; na geografia de seus estranhos e sedutores volumes e no equilíbrio gráfico de suas formas, sinto o giro de 360 graus - de si mesmo para o espaço, e deste para si mesmo – do olho perscrutador ancestral. João Lobo, em sua nova performance fotográfica, volta-se para os dois elementos mais intrínsecos à adjetivação do humano: o corpo e a alma – poços de desejos e gozos, frustrações e realizações... Através deles, o artista, mais que o técnico da luz, insere-se na mais legítima tradição do pensamento, trazendo à tona, como tentativa de desembotar os cérebros carcomidos de mesmices, dois antigos (mas ainda insuperáveis) problemas filosóficos: O que é a alma – símbolo da imortalidade? O que é o corpo – fonte de todos os males do mundo?

Ao percorrer as planícies e escalar os planaltos corpóreos, em busca das grutas recônditas da alma, João Lobo despe-se dos valores materialistas, déspotas do reino capitalista, para, em puro estado de entidade orgânica, estabelecer o primado das ideias e do pensamento sobre a alienação; da sensibilidade erótica e da criação artística sobre o solo estéril dos sentidos condicionados.

Corpo e alma, mônadas supremas: ontem, hoje e sempre

Inverno temporão de 2000.